

**GLOBAL
INITIATIVE**
AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME

AVALIAÇÃO DA RESILIÊNCIA AO CRIME ORGANIZADO A NÍVEL COMUNITÁRIO



SUMMER WALKER | AMÉRICO MALUANA

ABRIL 2022



AVALIAÇÃO DA RESILIÊNCIA AO CRIME ORGANIZADO A NÍVEL COMUNITÁRIO

SUMMER WALKER | AMÉRICO MALUANA

Abril 2022

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi financiado por UK aid, programa do governo do Reino Unido. No entanto, cumpre ressaltar que as visões expressas no documento não refletem necessariamente as políticas oficiais do governo do Reino Unido. Trata-se de um projeto conjunto da Global Initiative Against Transnational Organized Crime (GI-TOC) e do Centro Para Democracia e Desenvolvimento (CDD) de Moçambique. Gostaríamos de agradecer as substanciais contribuições de Joyce Kimani, Gregory Onyango, Jimia Abdul Yusuf, Sharon Nyokabi, Emily Kimani e Julia Bolotovskiy. Estamos igualmente gratos à equipa do Civil Society Resilience Fund (Fundo de Resiliência da Sociedade Civil) e Janet Mawiyoo, membro do Conselho Consultivo do Resilience Fund, pelas consultas iniciais, a Mark Shaw pela atenta revisão do presente relatório e à equipa de publicações da GI-TOC.

AUTORES

Summer Walker é representante e analista sénior da GI-TOC em Nova Iorque. Dirige projetos e efetua investigação e análise sobre política internacional, em questões que vão de política de drogas a cibercriminalidade. Trabalhou sobre política internacional na ONU e com ONGs internacionais, agências de desenvolvimento e institutos de investigação. É mestre em Direitos Humanos, pela London School of Economics, e licenciada em Estudos de Paz e Conflito, pela Universidade Colgate.

Américo Maluana é atualmente investigador e gestor de programas Centro Para Democracia e Desenvolvimento (CDD). Conta com uma vasta experiência de investigação no norte de Moçambique. É licenciado em Administração Pública e mestre em Ciência Política pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Dedicou-se a investigação sobre Economia Política de Recursos Naturais, Conflito e Resiliência Comunitária.

© 2022 Global Initiative Against Transnational Organized Crime
(Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional).
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão por escrito da Global Initiative.

Capa: © Blickwinkel/Alamy

Por favor, dirija pedidos de informação a:
Global Initiative Against Transnational Organized Crime
Avenue de France, 23
Genebra, CH-1202
Suíça

www.globalinitiative.net

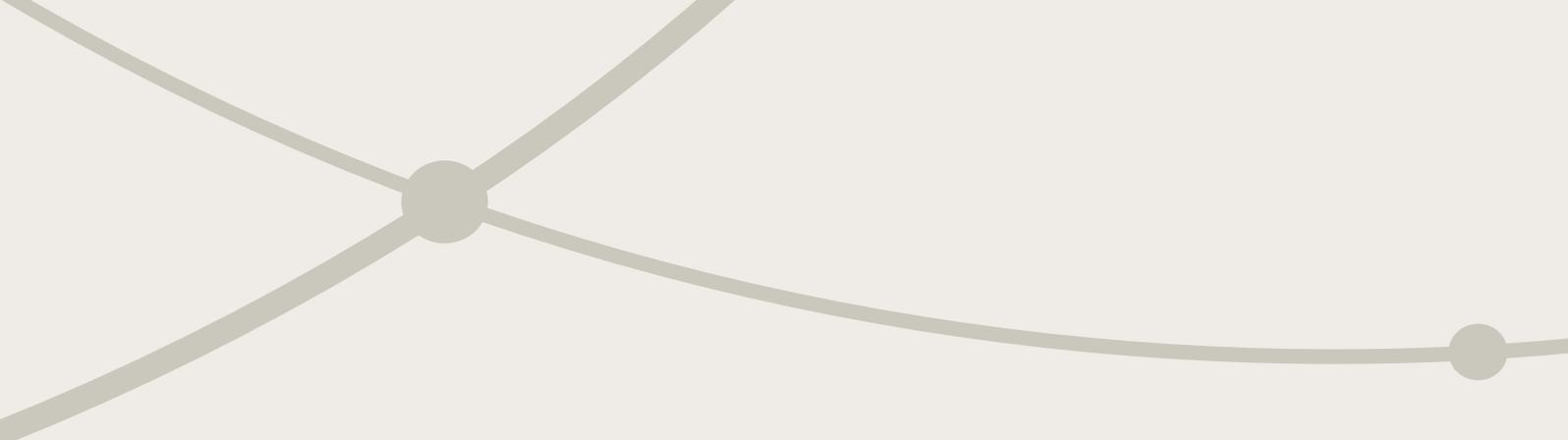
CONTEÚDO

Sumário executivo e resultados principais	iv
Introdução	2
A construção da matriz.....	3
A condução da pesquisa.....	4
Resultados-chave: Análise transversal aos locais	6
Introdução	7
Alicerces.....	7
Resultados-chave: Resumos dos quatro locais	12
Nakuru, Quênia	13
Kisauni, Quênia	20
Pemba, Cabo Delgado, Moçambique.....	25
Montepuez, Cabo Delgado, Moçambique.....	30
Conclusão: Resultados-chave para decisores políticos	34
Notes.....	36



SUMÁRIO EXECUTIVO E RESULTADOS PRINCIPAIS

O estudo concluiu que o envolvimento de mulheres na planificação centrada na segurança reforça a resiliência da comunidade. © Shutterstock/Elen Marlen



Este relatório analisa os resultados de um projeto de seis meses, destinado à conceção e teste de um modelo de análise da resiliência ao crime organizado a nível comunitário em contextos de conflito e fragilidade. Esta investigação revela a abordagem potencialmente transformadora e sustentável que pode ser desenvolvida, ao conjugar as perspetivas locais com as prioridades nacionais, bilaterais e internacionais. Três grandes vertentes de ação resultantes desta investigação permitirão reforçar a resiliência da comunidade ao crime organizado:

Melhor alinhar as necessidades locais e externas no momento de definir a política e a programação. Fazer um levantamento sobre a forma como a comunidade encara o problema e as soluções pode contribuir para orientar a programação e identificar os pontos fortes e fracos para a resiliência.

A resiliência está incorporada na dinâmica da comunidade. Os problemas relativos ao crime organizado estavam diretamente ligados a questões comunitárias muito localizadas, tais como desconfiança entre vizinhos envolvidos em grupos, desemprego juvenil e falta de oportunidades para jovens e corrupção institucional local. Alguns dos esforços considerados mais eficazes pelos membros da comunidade não se revelaram complexos, mas exigem um esforço e cuidados contínuos – e com a comunidade local ao comando.

Amplificar o papel das mulheres. As mulheres foram destacadas enquanto intervenientes-chave. Estão próximas do terreno, estão a par do que se passa e estão dispostas a envolver-se ao nível comunitário. Em todos os sítios, o papel das mulheres foi diversificado, desde grupos de apoio económico a ações políticas locais, como sensibilização e campanhas porta-a-porta, ao empoderamento e reabilitação de jovens. A identificação e envolvimento das mulheres numa planificação centrada na segurança reforça a resiliência a nível local.



INTRODUÇÃO

Uma vendedora de rua prepara comida em Mombaça. © Luis Tato/Bloomberg através da Getty Images



Este relatório analisa os resultados de um projeto de seis meses com o intuito de criar e testar um quadro de análise da resistência ao crime organizado a nível comunitário em contextos de conflito e fragilidade. Este modelo foi utilizado em quatro locais de modo a testar a sua eficácia. Fornece uma interpretação hiperlocalizada da compreensão dos líderes comunitários sobre o que constituía o crime organizado nas suas comunidades, os maiores riscos que comportava e a solidez dos alicerces das suas comunidades para a resiliência. A pesquisa tentou obter um equilíbrio entre homens e mulheres enquanto inquiridos, o que nem sempre foi exequível, e foi desagregada para proporcionar uma análise baseada no género. As matrizes providenciam uma abundância de informação, desde sistemas de educação e justiça a infraestruturas. O presente relatório inclui os principais resultados de uma análise transversal, bem como resumos dos resultados para cada local. Para fins de análises mais aprofundadas, as matrizes acompanham este relatório.

A construção da matriz

O primeiro passo consistiu na conceção da matriz e do guia de entrevista. Foi levada a cabo uma revisão bibliográfica do material existente sobre (1) medição do crime organizado, utilizando sobretudo o Organized Crime Index (Índice de Crime Organizado) da GI-TOC; (2) avaliação da resiliência comunitária; e (3) avaliação da resiliência da comunidade em contextos específicos: comunidades de refugiados, crises humanitárias, catástrofes naturais e alterações climáticas.

A partir desta análise, identificámos as categorias ou conjuntos de indicadores mais comuns para a resiliência comunitária em tais contextos, incluindo capital social, capital comunitário, saúde e bem-estar, capital económico, capital político, infraestruturas e ambiente natural. Damos prioridade a fatores que suscetíveis de serem transferidos para a questão da construção da resiliência da comunidade ao crime organizado, o que significou focar mais detalhadamente as categorias que se dirigiam à sociedade e comunidade, economia e governação. Isto implicou igualmente a redução da prioridade de variáveis que eram mais relevantes no contexto das alterações climáticas ou de catástrofes naturais, tais como a construção de infraestruturas. O resultado foram quatro blocos de construção de resiliência comunitária centrais, com subcategorias:

- **Instituições estatais:** apoio efetivo do Estado; governação; sistema educativo; Estado de direito; segurança e proteção
- **Capital social:** coesão comunitária; capacidade comunitária; meios de comunicação social e jornalismo
- **Papel das mulheres:** poder político e económico; poder de organização
- **Economia local:** capital económico; empoderamento de jovens; infraestruturas locais.



Ativistas ajudam um grupo de pessoas chegadas a Pemba, deslocadas das suas terras pela violência extremista.

© [www.kuendeleya.org/Abudo Gafuro](http://www.kuendeleya.org/Abudo%20Gafuro)

Recorrendo a estes alicerces, foi elaborada uma matriz com uma série de perguntas de entrevista que avalia a situação na comunidade relacionada com o crime organizado e as condições para cada alicerce da resiliência comunitária. A Parte A aprecia as opiniões da comunidade sobre o que o crime organizado e os grupos criminosos representam na comunidade e o seu impacto na comunidade. Para tal, não fornecemos uma explicação dos mercados criminais ou do crime organizado nem tentámos de forma alguma orientar as respostas. Assim, as respostas refletem a forma como os membros da comunidade interpretaram as questões em relação à sua experiência. A Parte B avalia o atual panorama para cada categoria de alicerce.

A condução da pesquisa

A GI-TOC serviu-se do seu Global Organized Crime Index 2021 (Índice Global de Crime Organizado 2021) para selecionar dois países para a investigação.¹ O Quênia foi escolhido enquanto país com elevada criminalidade e alta resiliência à criminalidade. Moçambique foi selecionado como um país onde a alta criminalidade está associada à baixa resiliência ao crime organizado. A pesquisa em Moçambique centrou-se em Cabo Delgado, onde uma insurreição está ativa desde 2017, introduzindo a questão do conflito no contexto.

O projeto foi executado conjuntamente pela GI-TOC no Quênia e pelo Centro Para Democracia e Desenvolvimento (CDD) em Moçambique. Após consultar peritos do CDD e GI-TOC sobre o Quênia e Moçambique e consultores locais do Fundo para a Resiliência da Sociedade Civil (CSRF), selecionámos quatro locais específicos para

pesquisa. Em Moçambique, Pemba e Montepuez foram escolhidos. Ambos estão no norte de Moçambique, embora não tenham sido alvo de lutas ou ocupação generalizada por parte do grupo rebelde. Pemba é conhecida como um centro de tráfico por redes de elites locais e atores internacionais que traficam produtos tais como heroína, cocaína, fauna e flora selvagens e marfim. Montepuez é uma região rural conhecida pelos seus extensos depósitos de rubis e tem sido identificada como um importante eixo comercial para os intermediários adquirirem pedras preciosas e “exportá-las ou contrabandeá-las” para o mercado internacional.²

No Quénia, Kisauni, uma divisão de Mombaça, e Nakuru foram selecionados. Mombaça é conhecida por ser um elo nas redes de tráfico de heroína, bem como por ter problemas com tráfico de seres humanos, incluindo ligações à exploração sexual de crianças e ao trabalho infantil. Em Mombaça, Kisauni é uma área que regista uma significativa atividade de gangues. Nakuru está localizada na região central do Quénia. É uma pequena cidade rodeada por zonas rurais. É conhecida como um núcleo político queniano e uma zona que dá origem e “exporta” bandos criminosos para diferentes partes do país. Este ano estão a decorrer eleições nacionais e, em cada localidade, as ligações entre os bandos e o processo político é uma preocupação séria.

Nestas áreas, foram entrevistados líderes locais de diferentes camadas sociais, incluindo religiosos, empresários e agentes de segurança locais, sociedade civil e ONGs, jornalistas, defensores de direitos humanos e grupos de mulheres. Em cada local, foram realizadas mais de 20 entrevistas, incluindo grupos focais e entrevistas individuais. A pesquisa foi desagregada por género, o que foi feito de forma diferente para cada país. Em Moçambique, toda a matriz foi desagregada, enquanto no Quénia a análise da matriz foi abrangente, com uma análise com base no género específica incluída em cada seção.

As matrizes resultantes fornecem uma análise dos alicerces para resiliência contra o crime organizado em quatro locais:

- Kisauni, Mombaça, Quénia
- Nakuru, Quénia
- Pemba, Moçambique
- Montepuez, Moçambique

O presente relatório sintetiza as principais conclusões transversais às quatro matrizes. Cada matriz é anexada a este relatório e oferece uma maior profundidade de análise e informação para o leitor interessado.



RESULTADOS- CHAVE: ANÁLISE TRANSVERSAL AOS LOCAIS

Uma vista de Nakuru, Quênia. © Kay Ammon/Stockimo através da Alamy



Introdução

Seguidamente apresentam-se os principais resultados da análise nos quatro sítios, agrupados nos alicerces do quadro analítico. No Quénia, as preocupações locais centraram-se claramente na atividade dos gangs; em Moçambique, foi na insurreição. A ideia de crime organizado nestas comunidades estava centrada em grupos de pessoas que ameaçam a segurança dos cidadãos e causam danos à comunidade. Desta forma, as pessoas foram mais suscetíveis de identificar os problemas em termos de grupos organizados do que de atividades económicas ilícitas como o tráfico de droga. Os problemas de “crime organizado” estavam diretamente ligados a questões comunitárias muito locais, tais como desconfiança entre vizinhos relacionada com o envolvimento de grupos, desemprego juvenil e falta de oportunidades e corrupção institucional local.

Alicerces

Alicerce: Eficácia do apoio estatal

A segurança e a proteção no quotidiano são as principais preocupações das comunidades locais. Definem “crime organizado” e “grupos criminosos” como os grupos que veem a prejudicar abertamente os outros: no Quénia, os bandos e em Moçambique, a insurreição. Em termos de “mercados criminais”, por exemplo, o abuso de drogas locais e a violência causada por pessoas que consomem drogas foram salientados, mas o tráfico de droga ou como se liga a um cenário mais amplo não era um aspeto central. Os entrevistados não discutiram as redes de tráfico internacional em grande detalhe nem listaram práticas que são consideradas ilegais por pessoas fora da comunidade, tais como vendas e exportações de rubis não declaradas.

Esta é uma constatação significativa, antes mesmo de se abordar os alicerces, pois levanta a questão do alinhamento das necessidades locais e externas ao determinar a política e a programação. As pessoas são muito mais propensas a concetualizar o crime organizado como grupos que realizam atividades violentas ou que afetam diretamente a comunidade do que o comércio ilícito ou tráfico.

A resposta do Estado é entendida essencialmente como polícia e forças de segurança. Quando questionadas sobre as respostas do Estado, as populações locais em cada contexto limitaram-se às respostas da polícia e do sector de segurança, mostrando uma percepção de que este é o braço do Estado responsável por tais questões. O Estado foi visto como sendo, na sua generalidade, pouco fiável nos quatro casos, embora algumas áreas tenham emergido como positivas. As principais preocupações levantadas foram corrupção, laços entre a polícia e agentes criminosos, violência arbitrária, falta de resposta (sensação de que nada será feito após a denúncia de um crime), falta de recursos e reações que criminalizam comunidades inteiras.

Foram observados alguns exemplos positivos, tais como diálogos organizados entre gangues, polícia e membros da comunidade. Estes têm sido organizados por funcionários governamentais, tais o comissário do município, chefes locais e grupos da sociedade civil.

Relativamente a questões de **liderança política e governação**, os entrevistados moçambicanos afirmaram que o Estado e a sociedade civil são vistos como adversários um do outro. No Quênia, a cooperação era melhor, mas ainda fraca e dependente da matéria. No Quênia, a sociedade civil é tolerada, se não mesmo apoiada abertamente. No entanto, quando uma questão se aproxima de interesses políticos, há riscos envolvidos.

As pessoas tinham mais fé na liderança política a nível local. Em Moçambique, a desconfiança na liderança veio da lentidão da resposta do governo à insurreição ao longo dos anos e da sua incapacidade de proporcionar segurança básica. No Quênia, a desconfiança provinha principalmente dos laços entre políticos e gangues – especialmente durante anos eleitorais, quando os gangues são ativados para apoiar os políticos e prover força para eventos.

A educação deve estar vinculada a oportunidades. Durante as mesas redondas, os participantes enfatizaram a importância da educação. Contudo, notou-se que, ao passo que a educação está acessível, a sua qualidade foi questionada, bem como a ligação entre a conclusão do ensino superior e a procura de emprego. No Quênia, as pessoas disseram que existe um sistema educativo forte, mas também que falta qualidade. Em Moçambique, foi levantada a questão da corrupção: em particular, que há demasiados custos associados à continuação da escolaridade e que as pessoas pagam para serem aprovadas, em vez de passarem com base no mérito.

Um aspeto-chave levantado no Quênia foi que, mesmo com a opção da escola, muitas crianças optam por abandonar a escola para se alistarem em gangues. É necessário estabelecer uma correlação entre a educação e se esta levará a oportunidades de emprego. Se os adolescentes sentirem que ganharão mais dinheiro e terão mais estatuto ao aderirem a gangues, então escolhem esta opção. Os participantes em Nakuru levantaram a questão de os jovens aprenderem tecnologias de informação para aprenderem a burlar. Para o bem e para o mal, este é um exemplo de um desfecho direto da educação, que pode não ser tão óbvio em estudos generalistas.

As respostas da justiça local são decisivas. Em todos os quatro locais, as pessoas referiram as formas locais de administração e liderança da justiça como úteis e eficazes, ao mesmo tempo que encaram o sistema de justiça formal como largamente ineficaz. Em ambos os locais do Quênia, as modalidades locais de justiça foram vistas como as mais eficazes e as pessoas observaram demonstrações de justiça ou sentiram pessoalmente que os seus problemas eram resolvidos. Tal incluía tanto os chefes locais como grupos da sociedade civil que trabalham como promotores dos tribunais no sistema nacional. Em Moçambique, foram espelhados os mesmos sentimentos relativamente aos tribunais comunitários locais e repartições de bairro.

As críticas ao sistema de justiça formal foram semelhantes em todos os locais. Os tribunais são considerados demasiado lentos, os casos são abandonados e não são processados, a pessoa que apresenta um caso não tem proteção contra o acusado e a corrupção e o suborno levam ao arquivamento de casos. Em Nakuru, foi observado que, mesmo para um caso criminal, espera-se que as pessoas paguem uma taxa para “abrir um processo”. Para ajudar a compreender os processos judiciais formais, defensores como os grupos de assistência jurídica foram apontados como sendo cruciais.

Alicerce: Coesão comunitária e capacidade comunitária

Em termos de **coesão social e capacidade comunitária**, todos os quatro locais foram considerados etnicamente e culturalmente diversificados. No Quênia, houve um sentimento de coexistência pacífica entre grupos tanto em Nakuru como em Kisauni, com poucas exceções. Contudo, as pessoas em ambas as áreas disseram que há uma mudança significativa durante a época eleitoral, quando as pessoas se retiram para as bolhas étnicas

e desconfiam umas das outras. Estas cisões são provocadas por políticos e não por gangues, mas, como os gangues apoiam candidatos, as questões estão entrelaçadas.

Em Pemba e Montepuez, houve a sensação de que as tensões são persistentes. A coexistência foi frequentemente realçada – entre os grupos étnicos Makonde e Macua em particular. Tanto Pemba como Montepuez tiveram influxos significativos de pessoas deslocadas internas, embora as opiniões divergissem quanto ao seu impacto na coesão e tolerância da comunidade. Alguns dizem que a pequena criminalidade aumentou e que não há recursos para as pessoas recém-chegadas, enquanto outros dizem que uniu as pessoas e trouxe mais coesão.

Tanto no Quênia como em Moçambique, as comunidades auto-organizam-se de várias formas – através de mecanismos económicos, associações e grupos religiosos, culturais, voluntários e comunitários e muitos mais. Embora houvesse uma perceção, no Quênia, de que alguns destes grupos se concentram em combater os danos causados por gangues, em Moçambique sentiu-se que a capacidade da comunidade para se auto-organizar não se traduziu na resolução de questões de crime organizado. Em termos da insurgência, os participantes sublinharam a auto-organização em torno da prestação de assistência às pessoas deslocadas recém-chegadas.

Alicerce: O papel das mulheres nas respostas comunitárias ao crime organizado

As mulheres foram apontadas como intervenientes-chave. Estão próximas do terreno, estão a par do que se passa e dispostas a envolver-se a nível da comunidade. Como mulheres, mães e líderes da comunidade, falam com membros de gangues e membros da comunidade e orientam jovens. No Quênia, as mulheres são muito ativas neste espaço de vários ângulos diferentes, incluindo grupos de apoio comunitário, grupos de segurança local, como Nyumba Kumi, sensibilizando e reabilitando antigos membros de gangues. No Quênia, as pessoas assinalaram muitas formas de os grupos de mulheres contrariarem os efeitos negativos do crime organizado, desde a sensibilização, passando pela denúncia de crimes até à capacitação dos jovens.

Em Pemba e Montepuez, as mulheres tiveram um papel menos proeminente na vida pública em geral e em questões relacionadas com o crime organizado. Um desafio-chave no norte de Moçambique foi identificar mulheres líderes para entrevistar sobre este tópico, particularmente em Montepuez. Em Pemba, homens e mulheres tinham opiniões muito diferentes sobre o nível de influência local das mulheres. Os homens disseram sobretudo que as mulheres não têm poder político local e que a sua influência está restrita ao nível familiar. As mulheres disseram que são muito ativas politicamente, participam em ONGs locais e têm a capacidade de criar um movimento e impedir certos eventos em Pemba.

Em Moçambique, o papel das mulheres na luta contra os efeitos negativos do crime organizado é menos claro do que no Quênia. Isto pode dever-se ao diferente acesso das mulheres à vida pública no norte de Moçambique em comparação com o Quênia, ou porque a reduzida amostra de mulheres disponíveis para esta investigação não proporcionou detalhes suficientes.

Os papéis das mulheres como organizadoras comunitárias destacaram-se em áreas fora da segurança, tanto no Quênia como em Moçambique. Por exemplo, em cada local, as pessoas disseram que as mulheres se organizam em vários grupos de apoio económico, grupos *xitiques* em Moçambique e *chamas* e *merry-go-rounds* no Quênia.

No Quénia, este tipo de papel económico foi também relacionado com o acesso de jovens a empregos e orientação de jovens no sentido de se afastarem das atividades dos gangues. Em Moçambique, as mulheres foram mencionadas como agentes humanitárias para as pessoas deslocadas recém-chegadas. Estas funções e processos de estabelecimento de sistemas locais de apoio podem ser transferidos para outras áreas de preocupação, tais como a segurança local.

Alicerce: Meios de comunicação e jornalismo

A rádio, os blogs e os meios de comunicação social foram os principais veículos de comunicação, tanto no Quénia como em Moçambique. A rádio, em particular, pode ser negligenciada na era da Internet. No entanto, os quenianos falaram do custo do tempo de antena da rádio. Em Pemba e Montepuez, a rádio é censurada e sob supervisão governamental, facultando pouca informação relevante para a comunidade.

Para lá dos meios de comunicação social nacionais, as redes sociais – incluindo blogs, Facebook, WhatsApp, televisão online e plataformas de *streaming* como o YouTube – foram salientadas como meios de acesso a informação. As pessoas disseram que estes modos de comunicação são mais fiáveis e cobrem problemáticas locais. Tal acompanha uma tendência global para a diversificação das fontes de informação, que comporta benefícios tais como espaço para mais vozes e evitar a censura, mas também o risco de desinformação e a falta de verificação de factos.

Alicerce: Capital económico

A atividade económica informal dominava os quatro locais, com uma vasta gama de atividades, desde a pesca até mercadorias ambulantes. Havia um forte sentimento de não existirem oportunidades económicas suficientes para jovens. Isto foi apontado como motivo para os jovens se juntarem a gangues no Quénia e aos insurgentes em Moçambique.

Em Montepuez, espera-se que candidatos a emprego paguem uma taxa para aceder a emprego. Em ambos os locais de Moçambique, é mais comum que pessoas de outros distritos sejam contratadas para empregos locais, o que isola a juventude local. No Quénia, notou-se que mesmo que se termine o ensino secundário, não há promessa de emprego. Foi muito mais comum as pessoas dizerem que “fazem o seu próprio trabalho” ou que são “freelancers” do que terem um emprego. Isto sugere um potencial muito desaproveitado de empresários e indivíduos que trabalham arduamente, mas tem de ser correspondido pelo investimento e pelo incremento de oportunidades.

Alicerce: Infraestruturas locais

O acesso a recursos básicos encontrava-se disponível em todos os casos, embora com desafios. A distribuição justa foi levantada como uma preocupação, tal como o preço. Em Nakuru, por exemplo, notou-se que a eletricidade pode ser fornecida por grupos secundários que emendem cabos, desviam a eletricidade e cobram pelo serviço. Os telemóveis estão amplamente disponíveis em cada contexto, com custos de serviço variados. É o meio principal de comunicação em todos os quatro locais. Uma piada comum em Nakuru é que é mais fácil aceder a um pacote de dados do que a água.

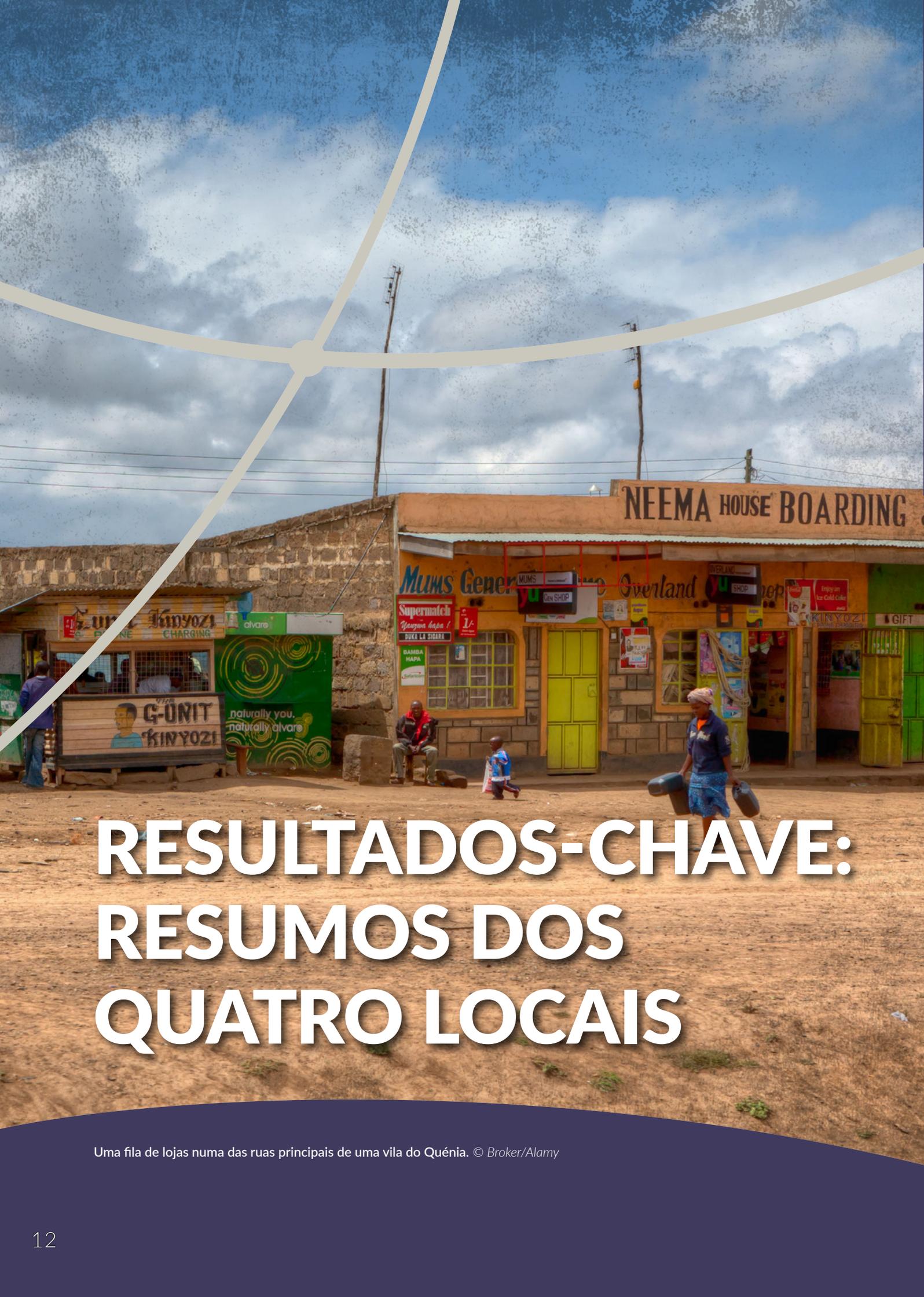


Uma manifestante agita a bandeira do Quênia durante uma marcha pela igualdade de género no Dia Internacional das Mulheres, Nakuru. © James Wakibia/SOPA Images/LightRocket através da Getty Images

As pessoas em todos os locais mencionaram desafios relacionados com os **impactos das alterações climáticas** na produção alimentar, escassez de água e longos períodos de seca.

Quando questionadas se as pessoas se sentem seguras fora das suas casas, a maioria respondeu que não. Em Moçambique, isto deveu-se ao medo da insurreição. No Quênia, era o medo de serem atacadas por membros de gangues se andassem a pé depois de escurecer ou sozinhas.

No Quênia, um país rotulado fortemente resiliente no Índice de Crime Organizado da GI-TOC, as comunidades estavam mais conscientes da dinâmica dos grupos criminosos e das suas articulações com outros fenómenos, tais como a violência eleitoral. Um número significativamente maior de mulheres estava envolvido na comunidade em geral e em resiliência à atividade dos gangues. Em Moçambique, pelo contrário, um país menos resiliente no Índice, os inquiridos concentraram-se predominantemente nos impactos da insurreição. Foi mais difícil para a equipa de investigação encontrar mulheres que fossem líderes na comunidade e, em particular, em questões relacionadas com a atividade criminal. O papel das mulheres na assistência humanitária às pessoas deslocadas é, no entanto, reconhecido. Talvez seja a própria insurreição que não permita que as pessoas considerem outras formas de riscos para a sociedade, dados os perigos óbvios que se levantam. E certamente contribui para uma baixa resiliência em geral.



RESULTADOS-CHAVE: RESUMOS DOS QUATRO LOCAIS

Uma fila de lojas numa das ruas principais de uma vila do Quênia. © Broker/Alamy



Nakuru, Quênia

Nakuru é uma cidade em crescimento no Vale do Rift, no centro do Quênia. É a capital do distrito de Nakuru, com cerca de 570 mil habitantes, num distrito de 2,1 milhões. Nakuru é considerada a capital política *de facto* do Quênia,³ que realizará eleições nacionais em Agosto de 2022. Em 2013, a Jubilee Alliance (Aliança Jubileu) foi criada neste local quando os políticos Uhuru Kenyatta e William Ruto (agora presidente e vice-presidente) uniram forças. Anunciaram novamente uma candidatura conjunta em 2017, em Nakuru, antes das eleições gerais.⁴ 2022 é um ano de eleições e a cidade e o distrito são os principais centros de campanha, sendo a região também um local cobiçado para votos. O problema dos gangues não está divorciado das necessidades políticas e do eleitoralismo.

Nakuru tem registado elevados níveis de criminalidade já há algum tempo e existem vários bandos em toda a cidade. Áreas de baixos rendimentos tais como Kivumbini, Flamingo e Bondeni são pontos quentes para pequenos crimes e esquemas de movimentação de dinheiro. Popularmente conhecidas como “slums” (bairros de lata), estas áreas são caracterizadas por habitações informais, falta de água corrente e saneamento básico deficiente. Muitos jovens nestas áreas crescem a experienciar a criminalidade e, na esperança de melhorarem as suas vidas, enveredam pela pequena criminalidade e depois avançam para os assaltos à mão armada à medida que amadurecem. As comunidades convivem com atividades criminosas, tais como roubo, fraude com serviços de “dinheiro móvel”, extorsão, guerras de gangues e perturbação de reuniões públicas.

Todos os inquiridos identificaram crime organizado na comunidade da mesma forma: gangues e as suas atividades. Nenhum mercado ilícito específico, como tráfico de droga, foi identificado de forma determinante. Os entrevistados nomearam os

gangues como o problema e, em seguida, começaram a explicar os crimes em que os gangues estão envolvidos, alguns dos quais poderiam ser categorizados como mercados ilícitos e outros como atividades criminosas levadas a cabo por grupos de crime organizado. Os homens assinalaram atividades de gangues como cibercrimes, roubos, invasões a casas, assaltos e fraude e extorsão bancária via M-Pesa e online. As mulheres falaram de incêndios domésticos, que são frequentemente causados por guerras entre gangues, riscos de serem atacadas por estranhos, especialmente quando a caminho de casa ou de serem objeto de “taxas” pelo uso de espaços comerciais. De notar que as mulheres acrescentaram a violência sexual e baseada no género à lista de atividades ilegais de gangues. Os impactos globais mais citados sobre a comunidade foram o medo geral, o pânico, a falta de confiança e a falta de esperança. Quase todos os entrevistados disseram que a maioria dos conflitos na comunidade está ligada a gangues, invocando guerras territoriais, assassinatos por vingança, confrontos entre pessoas de diferentes tribos e ataques a pessoas “apenas para diversão”.

Relativamente às reações à atividade dos gangues e à avaliação dos alicerces contra o crime organizado, os inquiridos consideraram que a resposta do Estado ao crime e às suas consequências nas suas comunidades é diminuta ou inexistente. Quando tenta intervir, não é nem eficaz nem é adequado. Exemplos positivos do que o Estado tem conseguido incluem diálogos comunitários e a realização de *barazas* (reuniões públicas) para admoestar e advertir membros de gangues. O comissário do distrito tem tido diálogos com jovens de gangues e os institutos politécnicos oferecem bolsas de estudo a antigos membros de gangues para regressarem à escola. A confiança no governo tem sido muito baixa, em grande medida porque a resposta é vista como ineficaz ou porque os políticos são vistos dando empoderamento aos gangues. No que diz respeito à coesão da comunidade, também aqui se disse que diversas comunidades coexistem bem até ao momento dos ciclos de campanha, quando as divisões são exacerbadas por políticos em busca de votos. É de notar que as pessoas depositam mais confiança nas autoridades locais, tais como chefes, políticos locais e formas locais de justiça do que no sistema judicial nacional.

Os participantes relataram que Nakuru tem um conjunto diversificado de redes sociais – desde grupos de apoio económico (*chamas*) a grupos religiosos – mas que a comunidade como um todo é incapaz de se organizar. Muitos grupos organizam-se no âmbito das suas capacidades para combater a atividade de gangues, incluindo grupos de vigilância de bairro para segurança, organizações cívicas que acolhem *barazas* públicas para reunir os interessados para discutirem soluções para os desafios da comunidade e também organizações juvenis, religiosas e de mulheres empenhadas na sensibilização e na realização de campanhas de paz.

Em termos de meios de comunicação social, fontes locais de confiança incluíram blogs, televisão em *streaming* online, redes sociais e rádio.

Muitas pessoas concordaram que a economia local carecia de oportunidades para a juventude com vários níveis de instrução e que tal pode encorajar os jovens a juntar-se a gangues.

As mulheres foram reconhecidas como os olhos e os ouvidos da comunidade. A participação das mulheres no governo está a aumentar e os grupos locais de mulheres foram apontados como prestando ajuda na reabilitação de membros de gangues, facultando apoio psicossocial às vítimas, sensibilizando e solicitando as autoridades quando estas não agem.

Perspetivas locais de Nakuru: O que pode aperfeiçoar estes alicerces decisivos?

Segurança e Estado de direito <ol style="list-style-type: none">1. Espaços seguros para as mulheres: quando as mulheres são atacadas, não se acredita que haverá um seguimento; isso diminui a confiança nas instituições2. Assistência jurídica a nível das bases para ligar a comunidade ao sistema judicial3. Os chefes são essenciais pois conhecem a comunidade, têm contactos e protegem a comunidade4. Apoiar grupos comunitários que conheçam a comunidade e possam identificar problemas	Capital social e capacidade comunitária <ol style="list-style-type: none">1. As iniciativas locais de segurança devem incluir todos os membros da comunidade2. O desporto e as artes devem ser aproveitados para aproximar a comunidade e sensibilizar3. Envolver mais os líderes religiosos4. Abordar questões de saúde mental e toxicod dependência
Economia e educação <ol style="list-style-type: none">1. Melhorar a qualidade2. As escolas devem fornecer apoio à saúde mental3. Identificar os anos escolares em que a abandono escolar aumenta e visar esta idade para apoio4. As necessidades devem ser determinadas pela comunidade e não por ONGs externas que criam os incentivos errados.	Papel das mulheres na resiliência <ol style="list-style-type: none">1. Reconhecer o papel das mulheres como primeiras a responder: elas são as primeiras a entrar em ação, o que pode ser útil2. A informação e a consciência das mulheres sobre o que se passa devem ser usadas como recurso3. As mulheres definir soluções e fazer parte da elaboração de políticas4. Aumentar as oportunidades educativas para as mulheres

Youth Bila Noma, Nakuru

por Gregory Onyango

A resiliência pode ser o aspeto decisivo que assegura a manutenção de uma comunidade e que continue a prosperar mesmo em ambientes problemáticos. Uma comunidade resiliente pode pôr em prática planos para lidar com catástrofes, adaptar-se facilmente à mudança e desenvolver estratégias de recuperação. Comunidades em todo o mundo tiveram de exercer alguma forma de resiliência quando a pandemia de COVID-19 as atingiu.

Para as comunidades que vivem em áreas assoladas pela criminalidade, a capacidade de resiliência pode manter as famílias unidas no meio do caos. A resiliência permite-lhes manter as suas casas e fontes de rendimento e proporcionar espaços seguros para que os seus jovens cresçam. As comunidades resilientes podem, com o tempo, prevenir, mitigar ou mesmo evitar completamente os riscos. Embora a resiliência não elimine magicamente os problemas da comunidade, ela ajuda as pessoas a ultrapassá-los.

Em algumas zonas de Nakuru, as comunidades praticam a resiliência com a ajuda de organizações religiosas, comunitárias e não governamentais.

Antecedentes

A cidade de Nakuru tem sido, desde há muito tempo, um centro de crime, especialmente no sector do “mobile money”. Zonas de baixos rendimentos como Kivumbini, Flamingo, e Bondeni são pontos quentes para a pequena criminalidade e fraudes de “dinheiro móvel”. Popularmente conhecidas como “slums” (bairros de lata), estas áreas são caracterizadas por habitações informais, falta de água corrente e saneamento básico deficiente. Muitos jovens nestas áreas crescem a experienciar a criminalidade e, na esperança de melhorarem as suas vidas, enveredam pela pequena criminalidade e depois avançam para os assaltos à mão armada à medida que amadurecem.

Quando o crime se torna uma parte determinante destas comunidades, os bandos prosperam à medida que muitos jovens se lhes juntam. Nakuru é o berço de Gaza, Confirm, Wakali Wao, Mungiki, SunguSungu, Eastlando e outros gangues. Os membros destes gangues são na sua maioria adolescentes e jovens adultos que procuram um dólar rápido, segurança e um sentido de pertença. Um documentário do Art 4 Rights revelou que alguns gangues chegam a recrutar membros com apenas 8 anos de idade.

Em áreas de baixos rendimentos onde as oportunidades de emprego são informais, as taxas de desemprego são elevadas. Tal, entre outros fatores, contribuiu largamente para a insegurança e a formação de gangues. Estes ambientes inseguros fomentam a introdução, continuação e propagação da radicalização e do extremismo violento. Várias intervenções têm mostrado resultados. Um exemplo foram 10 jovens de Nakuru que se encontravam a caminho da Somália para se juntarem ao al-Shabaab, mas que se renderam em Thika.

Para reabilitar e prevenir o envolvimento destes jovens no crime, as organizações tentaram criar uma tomada de consciência e permitir um ambiente resiliente para si e para as suas famílias. Este estudo de caso irá analisar uma destas organizações: Youth Bila Noma.

A Juventude Bila Noma é uma organização de base comunitária registada que opera em Nakuru. Está localizada em Nakuru East, Pangani Estate ao longo da Eldoret Road, mesmo ao lado da Casa Ndumu em Lakeview Estate. A organização foi lançada após uma formação realizada pela Embaixada dos Estados Unidos sobre contra-narrativas. Focalizou-se em narrativas que podem ser utilizadas na prevenção e combate à violência e ao extremismo, que se julgava que desempenhariam um papel no período eleitoral de 2017. Alguns dos formados tomaram a iniciativa de aplicar o que aprenderam à sua comunidade local a nível das bases

Em primeiro lugar, realizaram pesquisas informais nas áreas mais povoadas do concelho, sendo a maioria delas aglomerados populacionais informais. Depois, conceberam um conceito que abrangia tanto a necessidade de abordar a violência como as lições aprendidas na formação.

Com o apoio da direção municipal de serviços sociais no âmbito da iniciativa “Save the Boy Child”, a Youth Bila Noma estabeleceu uma parceria com membros da assembleia municipal e outros interessados para executar projetos a nível do município. A Youth Bila Noma envolve-se com outras OSC e chefes através do Nakuru County Peace and Security Forum (Fórum de Paz e Segurança do Condado de Nakuru). Este fórum desenvolve estratégias e formação para preocupações de segurança nos seus bairros, reunindo especialistas em segurança, membros da comunidade e outros do sector da segurança.

Youth Bila Noma actua para reforçar a resistência da comunidade contra a radicalização e o extremismo violento e para reduzir o impacto de gangues organizadas no município de Nakuru. Desenvolve capacidades para grupos de jovens locais na implementação do Plano de Ação de Combate Rápido ao Extremismo Violento do Município. Na maioria das campanhas, os participantes incluem adolescentes, idosos, jovens, mulheres e raparigas da comunidade, visto serem as pessoas mais vulneráveis e mais afetadas pelas atividades dos gangues

A organização tem-se concentrado na formação profissional de jovens. Após a realização de um levantamento de competências dos jovens nas suas áreas de interesse, 30 pessoas foram inscritas em instituições para receber formação a fim de se tornarem canalizadores, eletricitistas e fornecedores de catering.

Também fizeram uso de programas de rádio locais e meios de comunicação social para a sensibilização. Dirigem fóruns de envolvimento online chamados Youth Cafe e organizam frequentemente tweet chats.

Youth Bila Noma também contribuiu para a formação de três grupos de jovens que receberam financiamento inicial para a implementação do seu projecto. Os grupos foram supervisionados para assegurar que atingiam os seus objectivos. Outro grupo foi capacitado para iniciar um negócio de recolha de lixo.

Desafios

A interferência política durante as eleições dificulta a organização. Os políticos gastam muito dinheiro, o que é um negócio lucrativo para os jovens, e os projetos da Youth Bila Noma sofrem com a redução da assistência.

A pandemia de COVID-19 também dificultou os projetos. Impediu as pessoas de se encontrarem pessoalmente e a maioria das pessoas não tinha acesso nem a um smartphone nem à Internet para formação online. Também houve limitação de fundos disponíveis para os muitos projetos planejados para o ano. Sendo uma organização apoiada por doadores que também foram afetados pela pandemia, não pôde dar-se ao luxo de apoiar atividades.

Viver numa área infestada de crimes é um desafio para todas as pessoas. O constante sentimento de ansiedade e medo de ser a próxima vítima é inevitável. As crianças carecem de modelos positivos na comunidade e enfrentam maiores probabilidades de vivenciarem ou testemunharem traumas mais cedo na sua vida, o que pode normalizar a atividade criminosa, em comparação com aqueles que vêm de bairros ricos ou com melhores condições.

Intervenções orientadas. Para construir resiliência poderia idealmente começar ao nível escolar para incutir lições sobre os efeitos da pertença a gangues e do envolvimento em atividades criminosas. As lições ministradas nas escolas poderiam incluir exemplos da vida real. Uma vez que as crianças podem compreender e mesmo ser recrutadas em gangues numa idade precoce, as intervenções que começam cedo podem ajudar a reduzir as suas probabilidades de serem radicalizadas ou recrutadas quando pequenas.

Reconhecer os impactos económicos. Urge também reconhecer que o crime nestas áreas informais alimenta economias que dependem em grande medida da manutenção de atividades criminosas até que outro meio,

legal, seja providenciado. Se um jovem criminoso não conseguir roubar uma carteira ou burlar alguém no M-Pesa, isso significa menos um cliente para a mama mboga (retalhista de vegetais) ou para o lojista. Significa que os pais doentes não podem ir ao hospital, os seus irmãos não podem pagar as propinas escolares e não podem suprir as suas necessidades.

Cooperação intersectorial. Os esforços para construir resiliência deveriam idealmente incluir a participação e a comunicação aberta de todos os interessados: por exemplo, a comunidade, o governo e grupos ativistas como a Youth Bila Noma. A redução da animosidade entre os agentes da autoridade e a comunidade poderia permitir às pessoas denunciar o crime sem medo.

Já existem estruturas na comunidade que podem ser utilizadas. Os anciãos, membros da Nyumba Kumi e líderes religiosos são líderes de confiança. Estas estruturas poderiam funcionar melhor do que a polícia, que é muitas vezes vista como uma ameaça.

A construção de resiliência contra o crime nas comunidades requer a contribuição de todos. Tal como mencionado, a resiliência não extingue o ambiente criminal: ela ajuda a comunidade a viver num ambiente que a maioria não pode abandonar.

A plataforma Youth Bila Noma permite às comunidades de Nakuru combater o crime e criar um ambiente mais seguro para si e para as suas famílias. Juntamente com outros grupos, ajudou os jovens destas áreas vulneráveis a mudar o caminho que teriam tomado. Os seus esforços continuam a proporcionar alívio às famílias e à comunidade, que têm a garantia de que os seus jovens têm opções, de que não podem acabar com os mortos, os mutilados ou na prisão. Mudar a narrativa é um longo processo, mas eles dedicaram o seu tempo e recursos para garantir o seu sucesso.

Nakuru Town East Neighbourhood Association

por Emily Kimani

A Nakuru Town East Neighbourhood Association (Associação de Vizinhos da Cidade de Nakuru do Leste) (NATENA) foi criada em 2017. Os seus objectivos de longo prazo são: capacitar as pessoas, aumentar a participação comunitária, fomentar a coesão social, reforçar a identidade cultural, reforçar o desenvolvimento institucional e promover a equidade e justiça, tratando ao mesmo tempo o capital humano e social como recursos insubstituíveis. A adesão está aberta a todos os adultos da zona após o pagamento de uma taxa de subscrição de 300 xelins quenianos para indivíduos e 500 para empresas. No âmbito da NATENA, as pessoas formam células de responsabilidade social que abordam questões específicas dos seus constituintes e actuam como elo de ligação com as autoridades relevantes. As pessoas recorrem à NATENA devido ao seu envolvimento na base.

A NATENA opera num bairro construído na década de 1950 pelos colonialistas para os africanos, compreendendo unidades de um ou dois quartos com electricidade e abastecimento de água fiável. Estas antigas propriedades municipais encontram-se agora em condições deploráveis, resultantes do incremento populacional e de uma manutenção deficiente por parte do governo municipal. As áreas tornaram-se vulneráveis com a sobrelotação a aumentar, a falta de acesso a serviços essenciais, o desemprego e a insegurança. Os residentes salientam a pobreza, a falta de oportunidades de emprego, a ganância e a falta de satisfação, a pressão dos pares, a disponibilidade de drogas e o seu abuso, os maus modelos e o colapso da unidade familiar como as causas fundamentais da prosperidade dos gangues.

Com todos estes desafios, os residentes formaram a NATENA para conjugarem os seus trunfos e construírem capacidades que lhes permitissem melhorar o seu entorno. Eles empenharam-se numa série de agendas, sendo a segurança uma delas.

Questões de segurança

A segurança é um assunto sensível, uma vez que a área é considerada um núcleo de criminalidade. Os crimes comuns neste bairro incluem o crime cibernético (gangue Confirm), roubo com violência (uso de punhais), violação e violência baseada no género, tráfico de drogas e venda de cerveja ilícita, roubo de telefones e de bolsas, roubo e arrombamento de casas, radicalização, corrupção, carteiristas, tráfico de seres humanos, trabalho infantil (mendicidade nas ruas) e roubo de motocicletas. A violência contra mulheres e raparigas é uma preocupação grave.

As atitudes tradicionais e culturais patriarcais e o machismo estão profundamente enraizados na maioria dos homens e transferidos para os rapazes. Alguns homens e rapazes expressam raiva se uma rapariga rejeita os seus avanços e foram relatados casos em que as estudantes “que se fazem de difíceis” são mantidas reféns durante dias e violadas em grupo.

Os bandos são altamente imprevisíveis, conhecidos pelo uso de drogas, roubam ao acaso, destroem as coisas das pessoas e, por vezes, apunhalam alguém por causa disso. Quando grupos rivais na zona entram em conflito, a sua única forma de resolver as suas diferenças é esfaquearem-se uns aos outros com catanas, facas e espadas, levando por vezes à morte – incluindo membros da comunidade que se atravessam no caminho. Os mais velhos confessam que é difícil saber o que o gangue está a organizar, pois utilizam sheng (gíria) codificada que não é compreendida pelo público em geral, que só pode apanhar uma ou duas palavras. A mesma linguagem é utilizada quando detetam polícias ou um estranho no bairro de lata

Alguns bandos têm alegadamente o apoio de políticos que os financiam para os ajudar nas suas eleições. Uma vez que já são um grupo organizado, podem ser convocados num instante e causar caos durante as eleições – especialmente durante campanhas e candidaturas de partidos. Quando a lei os alcança, os políticos pagam-lhes a fiança

Um outro dilema enfrentado pelos residentes é que os membros de gangues são seus conhecidos. Alguns são seus irmãos, os seus próprios filhos, filhos dos seus amigos ou outros membros da família. Ao denunciá-los às autoridades estarão a entregar a sua própria carne e sangue.

Para mitigar esta situação, o secretário da NATENA trabalha com os chefes, agentes da autoridade, grupos eclesiais, *barazas* de chefes, clusters de segurança de Nyumba Kumi, grupos de mulheres e grupos de jovens e organiza frequentemente fóruns públicos para os residentes deliberarem sobre questões de segurança. É necessário um equilíbrio delicado uma vez que o secretário é bem conhecido de todos, incluindo os membros dos gangues, e um pequeno mal-entendido ou sentimento de traição é uma ameaça à vida.

Uma medida específica tomada pela NATENA foi prosseguir com a instalação de *mulika mwizi* (projetores de luz) no município para ajudar a refrear o crime, o que reduziu os casos mas não os eliminou. A NATENA

participa em muitas outras agendas que também apoiam a resiliência da comunidade.

Empoderamento económico e promoção do emprego nos serviços públicos

O grupo sensibilizou o governo municipal quanto ao desemprego de pessoas qualificadas, especialmente as que vivem com deficiências, e insistiu na sua integração no serviço público. Algumas pessoas foram contratadas com base nisto. A grande maioria dos jovens qualificados ainda não conseguiu obter emprego formal, mas alguns conseguem empregos ocasionais. Durante a pandemia da COVID-19, os funcionários do grupo asseguraram que a maioria dos jovens que estavam dispostos a trabalhar conseguissem empregos *kazi kwa vijana* apoiados pelo governo.

As estratégias da NATENA incluem o ensino e formação técnica e profissional para jovens e membros de gangues reformados. O grupo tem estado envolvido no seguimento de subsídios governamentais e de ONGs, dando aos jovens oportunidades de serem formados em competências como cabeleireiros e cursos de mecânica.

Sensibilização para a prevenção e promoção da saúde

A associação está envolvida em programas de educação e de mudança de comportamento em matéria de VIH e SIDA, promovendo a consciencialização entre os jovens e os residentes da localidade de Nakuru. Levantam preocupações sobre gravidezes na adolescência, toxicodependência, consumo de substâncias e serviços de saúde mental. A NATENA apelou recentemente à prestação de serviços de saúde reprodutiva em todas as instalações de saúde de nível dois na área e a um centro de saúde acolhedor para os jovens com especialistas em saúde mental. Também apoiam a equidade na saúde em toda a vizinhança. Quando os residentes com doenças crónicas como o VIH e a tuberculose não podem ter acesso a medicamentos, os trabalhadores e agentes de saúde comunitários fazem um esforço adicional para os entregarem à sua porta.

Catástrofes ambientais

A NATENA é reconhecida como uma fonte de informação local e é manifestamente valorizada pelas agências governamentais. Aquando das cheias, formaram uma equipa de salvamento de emergência. A associação acompanhou esta situação com o governo do município, solicitando medidas de mitigação de longo prazo.

Desafios

Enfoque nas crianças. A comunidade quer que as suas crianças sejam criadas em comunidade e que os seus direitos sejam assegurados, enquanto as responsabilidades também devem ser ensinadas e a disciplina inculcida. São necessárias estratégias para direcionar informação, educação e comunicação clara e contínua para residentes vulneráveis, tais como raparigas e mulheres pobres, órfãos e pessoas com deficiências físicas ou de desenvolvimento.

Devido à vibrante combinação de culturas diversas, a zona é caracterizada por uma gama de expressões artísticas. Aos jovens podem ser proporcionadas plataformas para se expressarem através de eventos artísticos como desfiles de moda, teatro, poesia, danças, desenho e desporto. Isto irá contribuir significativamente para apoiar a coesão e dissuadi-los de atividades criminosas.

Estímulo económico. O desemprego é apontado como uma causa profunda do aumento dos níveis de criminalidade e existe uma necessidade de maiores oportunidades para os jovens. Eles podem ser capacitados com competências que os possam ajudar a iniciar as suas próprias profissões. Empresas como o trabalho de vestuário, gestão de resíduos sólidos e indústrias artesanais são áreas de oportunidade.

Serviços como empréstimos e crédito, informação sobre o mercado e energia segura e acessível são necessários, especialmente para as mulheres. Estudos económicos mostram que as mulheres normalmente reinvestem até 90 por cento do seu rendimento no seio das suas famílias, melhorando a saúde e nutrição da família e o acesso das crianças à escolaridade.

Estigma. É igualmente motivo de preocupação que alguns membros de gangues reformados tenham dificuldade em integrar-se na sociedade normal, devido à estigmatização.

Prestação de serviços. A prestação de serviços urbanos está ligada a questões de corrupção, crime organizado e desenvolvimento urbano. A emissão de licenças e fundos para a realização de comércio legal deve ser facilitada e não uma tarefa penosa para os jovens que o queiram fazer de forma correta.

A água e o saneamento não são de fácil acesso. Pode ser arriscado percorrer uma distância para recolher água para as tarefas domésticas ou instalações sanitárias e de higiene, especialmente quando escurece. Tal coloca as mulheres e raparigas em risco de assédio, agressão sexual e violação.



Kisauni, Quénia

Kisauni é uma das seis municipalidades de Mombaça, Quénia. Mombaça é uma cidade costeira e um destino turístico popular, embora seja assolada por disputas de terras nas quais os residentes e a polícia entram em conflito devido a casos de repovoamento.⁵

A proliferação de gangues é uma grande preocupação. Existem 12 gangues famosos, alguns dos quais com múltiplas ramificações que os entrevistados apelidam de “árvore genealógica”. Os gangues em Mombaça, como em outros pontos do país, estão associados aos políticos locais e ao processo eleitoral, recebendo apoio que inclui algum treino, ajuda na organização e proteção contra a detenção após as eleições. Políticos de Mombaça têm estado repetidamente ligados à criação de gangues e alguns tinham exercido funções de representantes em Kisauni. A violência dos gangues não está apenas ligada ao ciclo eleitoral, mas também aos períodos pós-eleitorais, quando perdem o seu patrocínio periódico e atacam o público para obter dinheiro.⁶ O extremismo violento é outra preocupação. Kisauni é uma área de recrutamento para a al-Shabaab, visando jovens nas mesmas áreas onde a atividade de gangues é recorrente.⁷

Os inquiridos definiram mercados ilícitos e atividade criminosa organizada como sendo as atividades de gangues por toda a zona. Concentraram-se principalmente nos grupos criminosos propriamente ditos – os gangues. Descreveram os gangues assinalando os crimes em que estavam envolvidos, mencionando drogas ilegais, raptos, tráfico de pessoas, destruição de bens e homicídios. O papel dos políticos na proliferação de gangues é uma grande preocupação. Os gangues têm influência política e são financiados em grande medida por políticos de alto nível, particularmente

durante os períodos eleitorais, devido ao clientelismo político. Houve um consenso de que as crianças se juntam a gangues como fonte de rendimento ou devido à pressão dos pares. Os inquiridos também concordaram que muitos aderem a gangues por sentimento de pertença, reconhecimento e apreciação. Esta perspetiva foi semelhante à de Nakuru.

Houve pouca diferença consoante o género dos inquiridos na descrição dos mercados ilícitos e gangues, sendo a sua compreensão de crime organizado como sendo as operações dos gangues na área e os nomes dos gangues. Tanto os homens como as mulheres tiveram dificuldade em definir o crime organizado, mas as suas descrições variaram. Para as mulheres, era a atividade criminosa dos gangues que prejudicava as pessoas, ou grupos de pessoas que assediam os outros. As mulheres analisaram as razões pelas quais as pessoas se envolviam, frisando que tal se devia sobretudo à falta de empregos ou desespero. Foram também céleres a identificar mercados ilícitos que afetam as mulheres: tráfico de seres humanos, tráfico sexual e tráfico de droga. As mulheres revelaram igualmente interesse em combater a atividade dos gangues, mesmo a partir do nível das bases.

Os homens definiram crime organizado e os mercados criminais em termos de estratégias e dos resultados do crime. Identificaram também diferentes mercados ilícitos, destacando o tráfico de droga e o tráfico sexual. Falaram sobre a complexidade da luta contra o crime organizado.

Em termos de riscos na sociedade, os inquiridos assinalaram mortes (muitas vezes como resultado de lutas de gangues), medo generalizado, elevados níveis de insegurança, ansiedade geral e fraco crescimento



Os inquiridos disseram que a proliferação de gangues de rua nos locais quenianos era uma grande preocupação.

© In Pictures Ltd./Corbis através da Getty Images

económico como impactos dos grupos criminosos. Todos os inquiridos admitiram que o desenvolvimento económico é reduzido nas áreas onde os bandos operam, devido aos elevados níveis de insegurança que forçam os investidores a abandonarem projetos de longo prazo.

Os inquiridos revelaram opiniões diferentes sobre a resposta do Estado a gangues, tendo alguns a favor da ação do Estado, enquanto outros afirmaram que mostrava “menos interesse e ineficiência”. Houve consenso de que o Estado fez muitas tentativas para “erradicar” os gangues, por meio de agentes civis e também através do uso da força. Por exemplo, alguns inquiridos referiram que a polícia aplica bastante força, incluindo ameaças subtis tais como andar nas ruas com armas e gás lacrimogéneo.

Em contrapartida, os entrevistados afirmaram que as forças de segurança por vezes conseguem acertar, conduzindo à prisão e acusação de membros de gangues. A maioria das pessoas entrevistadas tem confiança no governo do seu município, mas pouco no governo nacional. Foi dito que o Gabinete do Comissário do Município era aberto e de fácil acesso. Outra abordagem são os Wazee wa Mtaa, anciãos da aldeia que informam os chefes sobre as crianças envolvidas em

gangues na sua zona. A colaboração entre organizações da sociedade civil é muito elevada, de acordo com todos os inquiridos, mas não entre o governo e as OSC.

Houve diferenças de opinião sobre o sistema de justiça local. Alguns inquiridos admitiram que o sistema era eficiente, mas muito lento, enquanto outros afirmaram que estava manchado pela corrupção. A maioria tinha alguma experiência com o sistema de justiça e afirmou que os casos são tratados consoante a quantia de dinheiro que se tem.

Quanto à coesão social, os entrevistados notaram uma comunidade diversificada com grande integração de pessoas de culturas diferentes. Os habitantes originais, os suaílis, são mais receptivos a outras pessoas, embora existam visíveis linhas sociais. Contudo, existe um nível muito baixo de confiança interpessoal devido à tensão causada pelos gangues, aumento da criminalidade, terror, radicalização e extremismo violento. Os inquiridos enumeraram uma mescla rica de redes sociais que alcançam os membros de diferentes comunidades. Vários grupos apoiam o aconselhamento e a sensibilização para as questões do crime organizado. Organizam vigilantes comunitários, facilitam conversas e organizam eventos desportivos e seminários.

Todos os inquiridos identificaram os meios de comunicação social convencionais como os principais, mas a comunidade não os defende por não confiarem neles. As redes sociais são as plataformas mais populares para salientar questões relacionadas com o crime organizado. Os blogues populares são actualmente mais fiáveis do que a televisão e os jornais.

Sentiu-se que as mulheres estão a tirar partido do espaço político que se tem aberto, bem como a encorajar as jovens raparigas. Tem havido um aumento de organizações de mulheres que se opõem ao crime organizado, tais como Sauti ya Wamamag (Vozes das Mulheres) e Sisters4Justice. As pessoas inquiridas expressaram o sentimento geral de que as mulheres são as pessoas mais indicadas para dialogar com as crianças dos gangues.

A respeito da economia local, os homens falaram de trabalho casual tradicionalmente masculino, incluindo trabalho de oficinas, empurradores de carrinhos, agricultura camponesa e lavadores de carros. Indicaram a predominância de empresas estrangeiras nas indústrias de processamento de exportação, transporte e têxtil. As mulheres referiam-se a PMEs, quiosques alimentares, lojas, lojas M-Pesa e trabalho ocasional na indústria têxtil como oportunidades de emprego para as pessoas da zona. Disseram que a falta de empregos conduz à depressão e ao desespero e a atividades ilícitas, como a adesão a gangues ou envolvimento no tráfico de drogas.

Perspetivas locais de Kisauni: O que pode aperfeiçoar estes alicerces decisivos?

<p>Segurança e Estado de direito</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mais consciencialização comunitária sobre legislação, incluindo a forma como as leis antiterrorismo são aplicadas aos civis 2. Reorganizar periodicamente os agentes de segurança e investigar e acusar os funcionários envolvidos em escândalos de corrupção 3. Criar mais esquadras de polícia em toda a área, para garantir que muitas pessoas tenham acesso a agentes policiais para denunciar crimes 4. O recrutamento policial deve ser feito com base no mérito para encorajar o profissionalismo no sector 	<p>Capital social e capacidade comunitária</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A propriedade fundiária e a participação comunitária são importantes 2. Seja persistente nas iniciativas – não realize eventos uma única vez e ir em frente 3. Capacitar a sociedade civil para trabalhar como um organismo de enquadramento. Iniciativas concertadas poderiam produzir melhores resultados e ter uma voz unida 4. É necessário o envolvimento da comunidade local em atividades destinadas ao combate ao crime organizado. Na maioria dos casos, as OSC que não estão sediadas na área chegam e realizam uma iniciativa sem envolver as pessoas a nível das bases. Além disso, muitas OSC são aquelas que “determinam” o que sentem serem questões que afetam a comunidade, o que muitas vezes não é o caso
<p>Economia e educação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Investir mais na educação, algumas escolas estão a fechar 2. Enfatizar a formação holística dos professores, incluindo como lidar com o bem-estar físico, emocional e social das crianças 3. Remover estrangulamentos em iniciativas lideradas pelo governo como Kazi kwa Vijana, que oferece trabalho ocasional a jovens. Os residentes insistem que os funcionários que estão envolvidos no nepotismo quando se trata de tal recrutamento devem ser detidos e demitidos 4. Encorajar os residentes a receberem formação de competências genéricas em institutos técnicos. Isto irá ajudar a criar oportunidades de emprego para si e para a comunidade em geral. 	<p>Papel das mulheres na resiliência</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As mulheres são cuidadoras naturais que têm uma voz que deve ser aproveitada 2. Capacitação das mulheres em diferentes espaços – incluindo o político – para que tenham oportunidade de influenciar questões que as afetam a nível político 3. Realizar fóruns intergeracionais para as mulheres envolverem raparigas 4. São necessárias fontes de rendimento sustentáveis para quebrar a espiral de pobreza

Angaza Empowerment Network, Kisauni

por Jimia Yusuf Abdul

Tradicionalmente, tem-se presumido que a resposta ao crime e aos mercados ilícitos pertence exclusivamente ao Estado. Embora muita da responsabilidade e dos mecanismos recaiam sobre o Estado, as comunidades desempenham um papel preponderante nos alicerces para a resiliência. Por outras palavras, a resposta e as ações da comunidade não podem ser simplesmente varridas para debaixo do tapete, já que desempenham funções essenciais.

Este estudo de caso ilustra uma iniciativa comunitária que resistiu ao teste do tempo na promoção da harmonia e da coexistência entre os membros da comunidade.

Angaza Empowerment Network (rede de empoderamento Angaza) é uma organização não governamental constituída em 2015 e trabalha ao longo da região costeira em redor de Mombaça. Trabalha no sentido de capacitar as comunidades e realiza uma série de atividades, incluindo diálogos, desenvolvimento de aptidões e capacitação dos jovens.

A Angaza Empowerment Network arrancou com um estudo para compreender por que razão houve tantos episódios de insegurança e violência. A partir daí, começaram a envolver-se com jovens que eram vistos mais como perpetradores, reunindo-se com eles nos locais de encontro dos jovens conhecidos como maskani ou kijiweni.

Começando pela juventude

Os jovens estão entre as principais prioridades da Angaza. A sua abordagem consiste em pensar nos jovens como uma solução e não como o problema. Para assegurar a

produtividade, proporcionaram mentoria prática aos jovens em fóruns utilizando atividades com que estão familiarizados, tais como desporto e música.

Isso foi uma forma respeitosa de contrariar narrativas que incluíam a radicalização e a marginalização. Fazer com que os jovens falassem foi um passo importante porque eles têm muito a dizer.

Angaza também trabalha para edificar a comunidade de forma transversal a grupos etários, etnias e religiões.

Fóruns de diálogo inter-religioso

Os conflitos religiosos estão entre os mais voláteis em Kisauni e Mombaça em geral. Com a radicalização dos jovens pela al-Shabaab e os atos de terror, as disparidades entre religiões acentuaram-se e as diferenças transformaram-se em violência. Para mitigar potenciais conflitos no próximo período eleitoral, a Angaza Empowerment Network iniciou fóruns de diálogo inter-religioso que envolveram visitas a centros de culto religioso

Estes foram concebidos com o intuito de colmatar a brecha e trazer a harmonia e a diversidade de volta à comunidade. Diferentes grupos religiosos nas comunidades congregaram-se, desmistificando as narrativas e interpretações erradas que parecem encorajar a violência e o extremismo violento.

Numa das mais bem-sucedidas atividades, líderes de diferentes grupos religiosos de todo o município entraram numa mesquita, rezaram juntos e discutiram questões que afetam a comunidade. A utilização do púlpito para contrariar a narrativa da divisão tem sido um ato muito forte.



Um torneio de futebol juvenil organizado pela Angaza Empowerment Network. © Angaza Empowerment Network

Visita inter-religiosa à mesquita

O diálogo na Mesquita Swahilina em Kisauni reuniu clero muçulmano e cristão para discutir as relações entre as duas principais religiões e encontrar soluções para reforçar a coesão. Realizou-se sob os auspícios do Partnership for Peace (Parceria para a Paz), um projeto apoiado pelo Conducive Space for Peace and Civil Society in Development.

O diálogo inter-religioso tem o potencial de desbloquear o poder das tradições religiosas e fornecer a inspiração, orientação e validação necessárias para que as populações se dirijam para meios não violentos de resolução de conflitos. Tais diálogos tornaram-se um instrumento cada vez mais importante para aqueles que procuram pôr fim a conflitos violentos em todo o mundo.

Fóruns de diálogo interétnico

Kisauni, como outras partes do distrito de Mombaça, é uma área cosmopolita. Os fóruns de diálogo interétnico abordam a desconfiança, reunindo diferentes líderes étnicos e anciãos de aldeia conhecidos como Wazee wa Mtaa. Os fóruns promovem a paz, combatendo os estereótipos e crenças que resultam na fragmentação das massas.

Diálogo entre gerações

No espírito de promover a coexistência pacífica na comunidade, Angaza reuniu diferentes membros da comunidade para um diálogo inter-geracional. Entre os participantes encontravam-se chefes de gangues, líderes de jovens, anciãos de aldeias, agentes comerciais, mulheres e administradores locais.

O objetivo foi o de compreender diferentes os desafios para as diferentes gerações e ver como enfrentá-los.

Depois disto, a comunidade prometeu trabalhar em conjunto e promover a harmonia entre os seus membros. Um dos resultados mais visíveis foi o facto de uma empresa

local ter patrocinado um grupo de jovens para lançarem um negócio.

Paladinos da juventude

Cada concelho de Mombaça é representado por dois “campeões da juventude” voluntários que são nomeados com base na sua influência, eloquência e carisma na comunidade.

O principal dever dos paladinos juvenis é oferecer uma resposta e intervenção rápidas às questões que emergem na comunidade. Eles formam o elo mais importante da Rede Angaza, uma vez que estão em contato direto com as questões de base, mobilizam as comunidades para a ação e proporcionam liderança comunitária.

Desafios

Perceções da comunidade. A comunidade tem uma forma de pensar que a mudança é demasiado difícil. Isto resultou numa dependência excessiva das respostas estatais e na expectativa de respostas externas, como, por exemplo, das organizações internacionais. Estas perceções têm comercializado iniciativas de construção da paz na comunidade.

Apoio da administração local. A administração local tem oferecido ocasionalmente algum apoio, mas a sua participação é geralmente limitada ou dependente da disposição política. Este apoio seletivo do Estado e da administração local agravou a situação e, na maioria dos casos, os esforços anteriores acabam por ser desperdiçados.

Vínculos com outros sectores, incluindo empresas.

A partir do que Angaza já tem em vigor, é necessária uma melhor coordenação, com envolvimento multisectorial no apoio a este tipo de iniciativas. A par do Estado, as empresas locais também devem trabalhar lado a lado para promover o empoderamento financeiro, especialmente para os jovens e mulheres.



Imagem de um fórum sobre consolidação da paz. © Angaza Empowerment Network



Pemba, Cabo Delgado, Moçambique

Desde outubro de 2017, a Província de Cabo Delgado de Moçambique tem sido o cenário de uma insurreição violenta e destrutiva. As comunidades da região estão enredadas num conflito crescente entre o governo central e uma organização extremista violenta (conhecida como al-Shabaab, sem ligação ao grupo homónimo na Somália), que procura obter maiores benefícios socioeconómicos, participação religiosa e inclusão na governação dos territórios que tem influenciado. O governo, com o apoio de aliados regionais, tem procurado, sem sucesso, manter o seu controlo numa província geográfica, política e economicamente isolada do resto do país.

A população de Cabo Delgado tem sofrido consideravelmente com o conflito, levando a mais de 800 mil deslocados internos, a maioria dos quais se dirigem para sul. Registaram-se também graves violações de direitos humanos, incluindo assassinios e detenções arbitrárias, raptos, tráfico de seres humanos e violência contra crianças (incluindo violações e casamentos precoces) em toda a província. A economia local também foi afetada, prejudicando assim as já limitadas oportunidades socioeconómicas disponíveis para a população de Cabo Delgado.⁸

Pemba é uma cidade portuária e distrito de Moçambique. É a capital da província de Cabo Delgado e está situada numa península na Baía de Pemba,

uma posição favorável à navegação, o que a coloca numa posição vantajosa em termos de acesso aos mercados da região. O município de Pemba abrange 100 km² e registou 201.846 pessoas no censo de 2017. Desde a eclosão do conflito, Pemba tem sido altamente militarizada, se bem que ainda não tenham sido registados ataques na região. Presentemente, as condições económicas, já precárias, têm sido exacerbadas pela chegada de milhares de deslocados internos, provenientes dos distritos mais vitais da província. Por exemplo, num período de apenas duas semanas, em Outubro de 2020, pelo menos 219 barcos chegaram a Pemba, transportando 11.280 pessoas, quase metade das quais eram crianças.⁹ O Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários da ONU informou que, em Fevereiro de 2021, a população de Pemba tinha crescido quase três quartos.¹⁰ A situação enfraqueceu capacidade da cidade de prestar serviços públicos e agrava os seus desafios de segurança.

Pemba foi igualmente identificada como um ponto de transbordo de múltiplas mercadorias ilícitas. Por alturas de 2016, o porto era conhecido como um ponto chave para a exportação ilegal de marfim (tendo posteriormente declinado), bem como de produtos tais como espécies madeira de folhosas protegidas e outros produtos ilegais da flora e fauna selvagens.¹¹ É um ponto de trânsito para heroína e metanfetamina, que chegam

da costa de Makran por *dhow*s e contentores marítimos ou via Zanzibar, e para cocaína que chega por contentores marítimos do Brasil.¹² Estas rotas de droga são conhecidas por serem comandadas por elites locais em ligação com atores estrangeiros. Os mercados de produtos ambientais operam sob redes de patrocínio e são alimentados pela corrupção, com baixos níveis de violência associados.

De forma esmagadora, as pessoas falaram da insurreição e dos insurgentes como o grupo “criminoso” dominante. Os baixos níveis de consciência quanto ao crime organizado, as suas redes e impacto na vida quotidiana foram evidentes, apesar de representarem um risco em Pemba. Tanto os homens como as mulheres que participaram mostraram alguma dificuldade em definir crime organizado, mas as respostas mostram que inúmeras atividades diversas relacionadas com crime organizado preocupam as comunidades de Pemba, com ênfase no tráfico de drogas e de recursos naturais, tais como madeira e minerais. Embora os entrevistados não tenham dado mais pormenores, mostraram preocupação com o aumento de casos de tráfico de seres humanos em Pemba. Os homens afirmaram que as atividades mais comuns relacionadas com crime organizado em Pemba incluíam o tráfico de droga, tráfico de seres humanos, mineração, homicídio, violência sexual e a insurreição em curso. As mulheres referiram tráfico de droga, tráfico de armas, tráfico de seres humanos e o comércio de outros bens e produtos ilegais.

Geralmente, as economias ilícitas são controladas por grupos com ligações a atores governamentais e estes grupos criminosos locais são na sua maioria de Mecufi, Chibuabua e Nacala. Os grupos criminosos não têm a capacidade de controlar territórios, mas têm uma influência política que lhes permite operar em Pemba. Estes grupos têm acesso fácil a armas, incluindo facas, catanas e armas de fogo, mas não circulam com estas armas abertamente. Atualmente, contudo, as pessoas estão mais preocupadas com conflitos do que com o crime organizado propriamente dito.

Relativamente aos riscos para a comunidade, os homens realçaram o aumento do absentismo escolar e disseram que a insurreição está a causar um aumento no consumo de drogas entre os jovens, pobreza, desemprego e trabalho sexual. As mulheres sentiram que tanto os insurgentes como os grupos criminosos correntes criam pânico nas comunidades e as pessoas não se sentem seguras como resultado disso. As mulheres e os jovens são os grupos mais vulneráveis.

Verificou-se uma perceção geral de que o Estado não oferece respostas, o que piora as circunstâncias. A experiência da insurreição em Cabo Delgado foi frequentemente mencionada como um exemplo do fracasso do Estado na resposta aos desafios comunitários. Os inquiridos disseram que as autoridades governamentais, especialmente a nível local, abusam do seu poder, intimidando e dificultando as atividades das organizações da sociedade civil em Pemba.

Vista do porto, Pemba. © John Warburton-Lee/Alamy





Uma mulher prepara comida no mercado de Pemba. © Giampiero Gandolfo/Alamy

Houve consenso de que Cabo Delgado em geral, e Pemba em particular, são cultural e etnicamente diversos, o que causa alguma tensão, especialmente entre os grupos étnicos Makonde e Macua. As pessoas constataram competição e discriminação entre os grupos. Sentiu-se que tal entrava a ação coletiva da comunidade. Falaram de uma série de redes e grupos sociais, mas sentindo que não são suficientemente coesas ou fortes. Embora existam alguns grupos locais dedicados à promoção da igualdade de género, inclusão de jovens e produção agrícola, as comunidades não estão suficientemente preparadas e organizadas para terem um impacto profundo contra o crime. Tanto homens como mulheres destacaram o trabalho da Associação para a Proteção da Mulher e da Rapariga (PROMURA) sobre esta matéria. Algumas comunidades criam grupos de vigilância, caso do bairro de Cariaco, como forma de combater o crime e os roubos constantes.

Quanto aos meios de comunicação, os inquiridos disseram que tanto a televisão como as estações de rádio transmitem informação censurada. Televisão e redes sociais, como Facebook e WhatsApp, foram citadas como as fontes de informação mais relevantes. As mulheres afirmaram que poucas pessoas em Pemba dispõem de smartphones para aceder a informação proveniente da Internet e das redes sociais, ou mesmo para divulgar um evento de bairro.

Houve diferença de opinião entre homens e mulheres sobre o poder das mulheres. Os homens julgavam que elas não tinham poder político e que era necessário fazer mais ao passo que as mulheres sentiam que tinham poder. Os homens entendiam que o poder das

mulheres se restringe ao nível da família e permanece um desafio na esfera pública. As mulheres disseram que tinham uma participação política muito ativa, com a capacidade de criar um movimento e impedir um certo incidente em Pemba. As mulheres organizam-se em grupos de poupança e *xitique* (canais de financiamento baseados na confiança mútua).

A economia de Pemba está ligada à exploração mineira, à pesca e ao comércio. Enquanto os homens se dedicam à pesca e alguns trabalham em minas, a maioria das mulheres trabalha em mercados alimentares e vende bolinhos de massa como fonte de sustento das suas famílias. O emprego é um desafio nesta província. Não há empregos para os jovens, mesmo que terminem a sua licenciatura. Uma opinião comum foi a de que é mais fácil conceder emprego a pessoas vindas de outras zonas, tais como Maputo e Beira, em detrimento dos locais.

Verificam-se desigualdades no acesso aos serviços e recursos básicos em Pemba. As pessoas são obrigadas a percorrer longas distâncias para aceder aos transportes públicos, educação ou cuidados de saúde. A intensificação da insurreição colocou muita pressão sobre os serviços públicos pelo facto de Pemba ter recebido um grande número de pessoas deslocadas.

A justiça local é relativamente débil e dependente do governo, o que provoca uma relativa desconfiança na sua capacidade de trazer uma resposta útil e eficaz aos desafios das comunidades. As pessoas têm mais confiança nos tribunais comunitários, uma vez que os seus líderes são menos suscetíveis de serem corrompidos.

Perspetivas locais de Pemba: O que pode aperfeiçoar estes alicerces decisivos?

Segurança e Estado de direito <ol style="list-style-type: none">1. Criação de comités de resposta ao crime organizado envolvendo o governo, a sociedade civil e as comunidades2. Realização de atividades de sensibilização da comunidade para o crime organizado3. Criar e reforçar a capacidade de esquadras de polícia	Capital social e capacidade comunitária <ol style="list-style-type: none">1. Envolvimento das comunidades em atividades cívicas2. Criar grupos temáticos locais e formar líderes locais
Economia e educação <ol style="list-style-type: none">1. Empoderamento económico de grupos desfavorecidos: mulheres, pessoas com deficiência, jovens2. Reforçar a capacidade de formação técnica e profissional local3. Criar programas de apoio às atividades agrícolas e pesqueiras em pequena escala4. Criar mecanismos de financiamento de iniciativas empresariais	Papel das mulheres na resiliência <ol style="list-style-type: none">1. Envolvimento de mulheres em todas as esferas de decisão2. Reforçar os grupos associativos de mulheres3. Liderança feminina orientada para a resolução de problemas das mulheres

Assistência humanitária e resiliência em contexto de conflito: O caso de Kuendeleya

Por Américo Maluana

No decurso do conflito em Cabo Delgado, Pemba não foi atacada, embora tenha acolhido um grande número de pessoas internamente deslocadas da região. As pessoas deslocadas chegam por terra e pequenos barcos, o que coloca as suas vidas em risco, enquanto outras morrem de fome, sede e ferimentos sofridos durante os ataques. A situação tem desencadeado ajuda humanitária de emergência.

Alguns jovens de Pemba organizaram e fundaram uma associação chamada Kuendeleya, que significa “progresso”. Kuendeleya, constituída por jovens cristãos e muçulmanos, começou como equipa amadora de futebol de praia. Em 2020, à medida que os ataques terroristas se intensificavam, a equipa estava a jogar futebol na praia, num bairro de Pemba, quando avistou quatro barcos repletos de pessoas a aproximar-se. Alertaram a polícia local. Acontece que os passageiros eram pessoas deslocadas, incluindo muitas mulheres e crianças.

A equipa teve a ideia de pedir à família e amigos pão e açúcar para distribuir. As pessoas deslocadas continuavam a chegar, em número crescente a cada dia.

Após esta iniciativa de distribuição de alimentos, os membros da Kuendeleya lançaram campanhas de angariação de fundos e rapidamente conquistaram a confiança das comunidades e dos empresários locais, que apoiaram a causa. Enfrentaram obstáculos na formalização da sua organização, mas tal não os dissuadiu. Acreditam numa “juventude de Cabo Delgado que aspira a uma nova ordem que ultrapasse a pobreza e as injustiças

gritantes nas suas terras e que queira agir eticamente, ensinando-a aos mais jovens”. O grupo-alvo são crianças, mulheres grávidas, idosos e jovens mães.

A Kuendeleya produz um triplo impacto. Primeiro, presta assistência psicológica e reintegração social, desenvolvendo sessões de formação, ensinando as pessoas a contribuir positivamente, como por exemplo criando pequenas empresas para a sustentabilidade. Também proporciona assistência humanitária às vítimas (através do abastecimento de alimentos e outras necessidades básicas). Há milhares de mulheres e crianças deslocadas sem comida, incluindo pessoas idosas vulneráveis que sofrem de desidratação e debilidade. Em terceiro lugar, auxilia pessoas deslocadas de outras formas (contactando membros da família e criando abrigos, por exemplo). Uma jovem ativista, Anchinha Abdul, integrante da Kuendeleya, cuidou de 17 pessoas deslocadas na sua própria casa.

Mesmo, por vezes, sem o apoio de outras entidades, a Kuendeleya tem contribuído para proporcionar condições mínimas de sobrevivência durante esta crise humanitária. A nível comunitário, estes jovens também promovem o diálogo inter-religioso, a igualdade de género, a justiça e a paz. Desempenha estas funções perante numerosos desafios, nomeadamente a escassez de fundos, a dificuldade em colaborar com as organizações humanitárias internacionais estabelecidas em Pemba e a falta de abertura por parte das autoridades governativas locais.¹³



Jovens ativistas em Pemba recebem deslocados internos, preparam refeições e oferecem cabazes alimentares.

© Abudo Gafuro/www.kuendeleya.org



Montepuez, Cabo Delgado, Moçambique

O distrito de Montepuez está localizado no sul de Cabo Delgado, a 210 quilómetros da capital da província, Pemba, fazendo fronteira a norte com o distrito de Mueda, a sul com Namuno e Chiúre, a leste com Ancuabe e Meluco e a oeste com Balama e Mecula, este último na província de Niassa. Montepuez tem sido um destino para as pessoas deslocadas pela insurreição. Em meados de abril de 2021, já acolhera 10 mil deslocados internos.

A agricultura é uma atividade dominante em Montepuez. Emprega quase todas as famílias e é geralmente praticada manualmente em pequenas explorações familiares. Montepuez contém também a segunda maior reserva mundial de rubis, identificada pela primeira vez em 2009. Uma vasta concessão mineira controlada pela Montepuez Ruby Mining – um consórcio entre a empresa moçambicana Mwiriti (25 por cento de propriedade) e o gigante global produtor de pedras preciosas Gemfields (75 por cento de propriedade) – cobre 33,6 mil hectares.

Montepuez tem sido um destino para as pessoas deslocadas pela insurreição. Em meados de Abril de 2021, o distrito já tinha recebido 10 mil pessoas deslocadas internamente devido ao conflito.¹⁴ Os depósitos de rubis também atraíram a atenção dos insurgentes, que querem extorquir e, em última análise, controlar

as operações mineiras, trazendo riscos associados de rapto, ferimentos e morte ao pessoal mineiro e aos sub-empregados.¹⁵ O Observatório das Economias Ilícitas na África Oriental e Austral da GI-TOC relata que os insurgentes concentraram os seus esforços de recrutamento em mineiros informais economicamente marginalizados e promessas de trabalho no sector mineiro.¹⁶

Foi identificada actividade criminosa no distrito, mas os inquiridos tiveram dificuldade em conceptualizar mercados ilícitos ou o crime organizado. Destacaram a atual insurreição como uma manifestação de crime organizado. Os homens enumeraram atividades criminosas tais como violência sexual, roubos seguidos de assassinios, bem como a queima de casas no norte de Montepuez, especialmente em Cuamba e Mandanindane. Os homens também mencionaram que a circulação de carros roubados, minerais e outros produtos ilegais é comum, o que é considerado ilegal, e as comunidades estão cientes da sua existência.

Os entrevistados foram unânimes ao afirmar que a maioria dos insurgentes são jovens locais, frustrados pela falta de oportunidades de emprego e desigualdades sociais no distrito. Os crimes comuns apresentados acima são cometidos por jovens locais, juntamente com pessoas de outras províncias, principalmente de Nampula. Uma forma de combater o

crime nas comunidades tem sido através de esforços de policiamento comunitário, o que frequentemente tem surtido efeito.

Tanto grupos criminosos locais como insurgentes desestabilizam as comunidades praticando roubos e assassinatos. Estes grupos não têm preferência nos alvos: atacam toda a gente, independentemente do sexo, idade, religião ou etnia. As atividades criminosas em Montepuez agravam a pobreza e causam problemas e clivagens entre os membros da comunidade, principalmente quando alguns deles estão envolvidos na criminalidade. Os entrevistados foram unânimes em afirmar que estas atividades criminosas aumentam a pobreza. Há cada vez mais desalojados e perda de bens em algumas comunidades de Montepuez devido à queima de casas e roubos constantes.

Corrupção e suborno ocorrem a todos os níveis de governação em Montepuez. Os entrevistados deram o exemplo de criminosos que foram presos através do trabalho da própria comunidade e entregues à polícia, mas que subsequentemente ficaram impunes. Esta situação não apenas preocupa a comunidade, como também corrobora a crença de que a força da lei pode ser evitada por meio da corrupção e do suborno em Montepuez.

Os inquiridos disseram que existe um sentido de responsabilidade comunitária na luta contra o crime e que os grupos de patrulha nas comunidades apoiam o trabalho da polícia local. No entanto, a falta de ação coletiva por parte de alguns membros da comunidade, especialmente mulheres, foi vista como uma ameaça para o desenvolvimento e segurança comunitários. Existem diferentes perceções sobre a eficácia

da resposta do Estado às atividades criminosas em Montepuez. Enquanto alguns afirmaram que o Estado responde aos desafios da comunidade, outros questionaram o seu papel, sublinhando as elevadas taxas de desemprego e instabilidade no distrito.

Montepuez é cultural e etnicamente diversificada e tal circunstância foi acentuada pela deslocação de pessoas devido à insurreição. O sentimento de pertença não é o mesmo para todos. Algumas pessoas sentem-se bem-vindas e não encontram barreiras à socialização ao passo que outras, especialmente as pessoas deslocadas pela guerra, sofrem discriminação e são facilmente visadas por grupos criminosos. Não obstante, as organizações da sociedade civil têm assumido um papel essencial na promoção do desenvolvimento e bem-estar da população, particularmente das pessoas marginalizadas.

Os inquiridos argumentaram que os meios de comunicação locais são débeis e dependentes do governo e que a maioria das pessoas tem acesso apenas a estações de rádio. As pessoas têm acesso a telemóveis, que é o modo de comunicação mais comum, mas somente algumas poucas têm acesso à Internet e às redes sociais.

Apesar das mulheres e homens entrevistados considerarem que as mulheres tinham poder político e social, a incapacidade dos investigadores em detetar mulheres para entrevistar durante a fase de recolha de dados põe em causa a extensão do empoderamento das mulheres locais. Nos grupos focais, as mulheres tinham menos propensão para exprimir as suas opiniões e tendiam a concordar com as posições dos homens.

Imagem de uma rua em Montepuez, Moçambique. © CKYN Shutterstock



Quer isto indique uma falha no processo de pesquisa ou uma questão estrutural, a prevalência das mulheres em comunidades de apoio contra o crime e os gangues sugere que as mulheres de Montepuez são líderes valiosos a nível local. Tal como em Pemba, as mulheres organizam-se em torno de *xitiques* semanais, o que lhes abre espaço para iniciar os seus negócios e aumentar os seus rendimentos. Os homens disseram que existem pequenas associações de mulheres que, embora frágeis, procuram conter o crime organizado através de ações de sensibilização.

Em geral, a agricultura, a pesca e o comércio são as atividades económicas mais comuns. Os jovens sentem que não têm oportunidades de emprego em Montepuez, o que por vezes pode conduzir a uma vida criminosa. Os inquiridos disseram não existirem espaços seguros em Montepuez e que sair para passear durante a noite é perigoso devido à atividade dos grupos criminosos. As pessoas em Montepuez continuam a viver em extrema pobreza, sem acesso fácil a alimentos, eletricidade, água, transportes, educação ou cuidados de saúde.



Montepuez tem sido um destino para as pessoas deslocadas pela insurreição. © Emídio Josine/AFP via Getty Images

Perspetivas locais de Montepuez: O que pode aperfeiçoar estes alicerces decisivos?

<p>Segurança e Estado de direito</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Maior divulgação da legislação 2. Combater a corrupção e criar mecanismos de proteção para quem chama a atenção para ela 3. Criar postos de policiamento comunitário nos bairros 	<p>Capital social e capacidade comunitária</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Combater o tribalismo no seio das comunidades 2. Promover palestras de sensibilização do público 3. Criar fóruns comunitários para resolver problemas da comunidade
<p>Economia e educação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Promover iniciativas de emprego, especialmente para jovens 2. Combater a corrupção no setor da educação 3. Aumentar o número de escolas profissionais públicas e melhorar as infraestruturas e a capacidade das existentes 	<p>Papel das mulheres na resiliência</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Envolver mulheres em todas as atividades nas esferas social, política e económica 2. Promover iniciativas empresariais para as mulheres 3. Combater a discriminação com base no género

Policiamento comunitário em Montepuez

Por Américo Maluana

O policiamento comunitário em Montepuez conta com um forte apoio das comunidades e faz parte da estratégia alargada do governo para combater o crime. As comunidades criaram grupos de policiamento comunitário e um Conselho de Policiamento Comunitário, cuja estrutura se insere no âmbito dos secretariados de bairro. Em 2019, os esforços de policiamento comunitário começaram a receber apoio do município, que providencia formação e uniformes. Os agentes de policiamento comunitário são voluntários, mas passam por um processo de seleção e são aprovados pela comunidade. Por exemplo, no Distrito de Nkoripo, foi selecionado um comandante que é um antigo combatente da luta de libertação e trabalha com jovens. Quando são selecionados jovens, são treinados pela polícia.

Todavia, não existem critérios de seleção oficializados, embora o processo tenha geralmente em conta a idade e uma avaliação do comportamento dos voluntários na comunidade. Em princípio, o processo de seleção dos candidatos ao policiamento comunitário é levado a cabo por membros da comunidade por meio de consulta popular. Os indivíduos considerados inadequados devido às suas actividades passadas não são admitidos. O processo de seleção exclui as mulheres porque existe a percepção de que, devido ao elevado risco, as actividades de patrulhamento comunitário devem ser realizadas apenas por homens.

Em Montepuez, os agentes da polícia comunitária estão presentes nos bairros. Realizam patrulhas diárias e participam em reuniões de bairro. Também interagem com a polícia e informam sobre ocorrências. A nível da esquadra de polícia, existe um agente de polícia responsável pela coordenação do policiamento comunitário.

Além de proporcionar um mecanismo de combate ao crime na comunidade, o policiamento comunitário permite reforçar as relações de confiança entre a polícia e a comunidade, já que privilegia o envolvimento da comunidade na resolução de problemas locais. A exclusão de mulheres neste âmbito levanta a questão de saber se tal as despoja de poder enquanto intervenientes a nível local na resolução de problemas e na construção de confiança com a polícia. A polícia comunitária tem proferido palestras e está envolvida em actividades de sensibilização sobre crime e a necessidade de o denunciar.

São vários os desafios que se colocam. Os bairros a serem vigiados por agentes da polícia comunitária são extensos e a sua capacidade é insuficiente. Também lhes falta equipamento apropriado, especialmente num cenário em que os criminosos transportam, frequentemente, armas de fogo. E por fim, uma formação pobre ou quase inexistente compromete a eficácia do policiamento comunitário.

Num contexto de recursos escassos (como combustível, automóveis e pessoas), o policiamento comunitário tornou-se essencial, dado que melhora o tempo de intervenção perante a criminalidade. A polícia comunitária é sempre a primeira a chegar aos locais das ocorrências e tem contribuído para aumentar os níveis de consciencialização da comunidade quanto à actividade criminosa. A relação entre a polícia comunitária e a polícia estatal é positiva visto que os agentes comunitários facultam informações da comunidade à polícia.

A woman with a red and black patterned headscarf and a purple quilted jacket over a white shirt is speaking to a group of children. She has her hands raised in an expressive gesture. The children in the foreground are wearing colorful headscarves (pink, purple, white, blue). In the background, a chalkboard is visible with some faint writing. The image is overlaid with a white geometric graphic consisting of several intersecting lines forming a star-like shape.

CONCLUSÃO: RESULTADOS-CHAVE PARA DECISORES POLÍTICOS

Uma turma escolar numa aldeia da Diocese de Nakuru. © Friedrich Stark/Alamy



Esta investigação evidencia a abordagem potencialmente transformadora e sustentável que pode ser desenvolvida através da junção das perspetivas locais com as prioridades nacionais, bilaterais e internacionais. Seguem-se três conclusões-chave que vão reforçar a resiliência comunitária ao crime organizado:

Melhor alinhar as necessidades locais e externas no momento de definir a política e a programação. Os membros da comunidade encaram o conceito de crime organizado de uma forma singular e profundamente pessoal. As pessoas identificaram principalmente grupos “organizados” que ameaçam a proteção pessoal e a segurança da comunidade ou pessoas que se organizam para cometer crimes que prejudicam a comunidade, como roubos ou furtos. É de notar que os membros da comunidade encaravam a violência sexual e baseada no género como parte de crime grave e organizado. Fazer um levantamento da forma como a comunidade vê o problema e as soluções pode ajudar a identificar para onde se deve dirigir a programação e quais são os pontos fortes e fracos para a resiliência.

A resiliência está incorporada na dinâmica da comunidade. Os problemas relativos ao crime organizado estavam directamente ligados a questões comunitárias muito locais, tais como desconfiança entre vizinhos envolvidos em grupos, desemprego juvenil e falta de oportunidades bem como corrupção institucional local. Alguns dos esforços tidos como mais eficazes pelos membros da comunidade não eram complexos, mas exigiam um esforço e cuidados sustentados. Entre estes incluíam-se fóruns de jovens, eventos desportivos e diálogos organizados por grupos religiosos. Também propõem soluções que requerem consistência e envolvimento da comunidade, mas que são também esforços de pequena escala e exequíveis, tais como diálogos e tutoria de jovens. Neste sentido, a resiliência é construída ao longo de um continuum e através de muitos esforços e projetos – liderados pela comunidade local liderada.

Amplificar o papel das mulheres. As mulheres foram apontadas como intervenientes-chave. Estão próximas do terreno, estão a par do que se passa e dispostas a envolver-se a nível da comunidade. Em todos os locais, o papel das mulheres variou desde grupos de apoio económico a ações políticas locais, como sensibilização e campanhas porta-a-porta, ao empoderamento e reabilitação de jovens.

Em situações como Montepuez, onde as mulheres são excluídas do policiamento comunitário, não lhes é dada a oportunidade de oferecer as suas competências e perspetivas únicas em matéria de segurança comunitária. Foi mais difícil encontrar mulheres para entrevistar em ambos os locais em Moçambique – o que feito por investigadores locais. Isto dá uma indicação de que será ainda mais difícil para doadores internacionais ou terceiros ter acesso às perspetivas de mulheres, particularmente em questões de segurança. Dado o papel determinante das mulheres observado em ambos os locais no Quênia, em áreas onde as mulheres não estão tão empenhadas, a procura das suas perspetivas e o seu envolvimento deve tornar-se uma prioridade de longo prazo.

NOTES

- 1 Global Initiative Against Transnational Organized Crime, Global Organized Crime Index 2021, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2021/09/GITOC-Global-Organized-Crime-Index-2021.pdf>.
- 2 Marcena Hunter, Chikomeni Manda e Gabriel Moberg, *Scratching the surface: Tracing coloured gemstone flows from Mozambique and Malawi to Asia*, GI-TOC, novembro 2021, pp 27–28, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2021/11/Gemstones-Report-Web.pdf>.
- 3 Eric Matara, *Kenya: Nakuru, bedrock of Kenyan politics, likely to play big role in 2022*, AllAfrica, 26 julho 2021, <https://allafrica.com/stories/202107270078.html>.
- 4 Muyua Waiyaki, *How Nakuru is shaping national politics*, *The Star*, 6 outubro 2021, <https://www.the-star.co.ke/counties/rift-valley/2021-10-06-how-nakuru-is-shaping-national-politics>.
- 5 Philip Muyanga e Brian Ocharo, *Kenya: Kisauni, Likoni the land hotspots in Mombasa*, AllAfrica, 13 julho 2021, <https://allafrica.com/stories/202107140180.html>.
- 6 Simone Haysom e Ken Opala, *The politics of crime: Kenya's gang phenomenon*, GI-TOC, novembro 2020, p. 37, https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2020/11/The-politics-of-crime-Kenyas-Gang-Phenomenon_GITOCESAObs.pdf.
- 7 Mohamed Ahmed, *Kenya: Parents agonise as their children join al-Shabaab*, AllAfrica, 13 julho 2021, <https://allafrica.com/stories/202101130274.html>.
- 8 CDD, *Conflict resolution in Cabo Delgado: Understanding violent extremism in Cabo Delgado, Lessons from multi-stakeholder dialogue, Vital steps towards resolving conflict in 2022*, dezembro 2021.
- 9 Relief Web, *Mozambique Flash Update No. 2: Arrival of displaced people in Pemba, Situation Report*, 1 novembro 2020, <https://reliefweb.int/report/mozambique/mozambique-flash-update-no-2-arrival-displaced-people-pemba-1-nov-2020>.
- 10 Emidio Jozine, *Mozambique city overwhelmed by people fleeing Islamist violence*, Reuters, 5 abril 2021, <https://www.reuters.com/article/uk-mozambique-insurgency-pemba/mozambique-city-overwhelmed-by-people-fleeing-islamist-violence-idUSKBN2BS0R4>.
- 11 Alastair Nelson e Jacqueline Cochrane, *Triangle of risk*, GI-TOC, junho 2020, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2020/06/Triangle-of-Risk.-web.pdf>.
- 12 Ibid., p 15.
- 13 Para ler mais acerca da Kuendeleya, ver <http://kuendeleya.org/pt/index.html>.
- 14 RTP Notícias, *Montepuez recebeu 10 mil deslocados do conflito no norte de Moçambique*, 19 abril 2021, <https://headtopics.com/pt/montepuez-recebeu-10-mil-deslocados-do-conflito-no-norte-de-mocambique-19708415>.
- 15 Eva Renon, *Terrorism in Mozambique's Cabo Delgado province: Examining the data and what to expect in the coming years*, IHS Markit, 5 abril 2021, <https://ihsmarkit.com/research-analysis/terrorism-mozambiques-cabo-delgado-data.html>.
- 16 Julia Stanyard, Alastair Nelson, Greg Ardé e Julian Rademeyer, *Insurgency, illicit markets and corruption: The Cabo Delgado conflict and its regional implications*, GI-TOC, fevereiro 2022, p. 32, <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2022/02/GITOC-ESAObs-Insurgency-illicit-markets-and-corruption-The-Cabo-Delgado-conflict-and-its-regional-implications.pdf>.



GLOBAL INITIATIVE

AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME

SOBRE A GLOBAL INITIATIVE

A Global Initiative against Transnational Organized Crime (Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional) consiste numa teia global que integra 500 peritos em rede por todo o mundo. A Global Initiative proporciona uma plataforma para promover maior debate e abordagens inovadoras enquanto alicerces de uma estratégia global inclusiva contra o crime organizado.

www.globalinitiative.net

